



## Feiras, mulheres e agroecologia: participação social e política na Zona da Mata Mineira

FREITAS, Isabela Fredes de<sup>1</sup>;  
COSTA, Bianca Aparecida Lima<sup>2</sup>

### RESUMO EXPANDIDO TRABALHO TÉCNICO-CIENTÍFICO

*(Este é o tipo da sua submissão. Não há que escrever nada aqui. Não apagar esta informação).*

### Grupo Temático: Economia solidária, Agroecologia, Agricultura Familiar, Permacultura e Segurança Alimentar

#### Resumo

As mulheres compõem 47,5% da população rural de todo o Brasil e, embora representem esse número populacional, são proprietárias dos empreendimentos rurais em apenas 19% dos casos no país. A economia feminista oportuniza ferramentas para compreender o processo das desigualdades entre homens e mulheres e disponibiliza ferramentas para combatê-las. As feiras contribuem para o reconhecimento social e a valorização das mulheres, para além do aporte de renda. O objetivo deste trabalho é analisar o perfil e a participação das mulheres em feiras da Zona da Mata de Minas Gerais. Foram aplicados questionários estruturados, com feirantes, em seis feiras. As mulheres agricultoras representam 60,3% das pessoas que compõem as feiras analisadas. As feiras podem significar o aumento da participação das mulheres na tomada de decisões acerca da produção, e utilização da renda obtida. Ainda assim, é necessário o fomento à participação das mulheres nos espaços de comercialização.

Palavras-chave: economia feminista; comercialização; produção agroecológica.

#### Introdução

As mulheres compõem 47,5% da população rural de todo o Brasil (IBGE, 2017) e, embora representem esse número populacional, são proprietárias dos empreendimentos rurais em apenas 19% dos casos no país (Censo Agropecuário, 2017; Embrapa, 2022). Cerca de 87,7% das mulheres rurais não recebem nenhum tipo de assistência técnica (Embrapa, 2022) e, em 2011, as mulheres (rurais e urbanas) representavam 64% das trabalhadoras brasileiras que não recebiam remuneração (Butto, 2011). A economia feminista, no decorrer das décadas de construção teórica, oportuniza instrumentos para

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Viçosa (ITCP-UFV) [isabela.fredes@ufv.br](mailto:isabela.fredes@ufv.br)

<sup>2</sup> Departamento de Economia Rural, ITCP-UFV, [bianca.lima@ufv.br](mailto:bianca.lima@ufv.br)



compreender o processo das desigualdades entre homens e mulheres e disponibiliza ferramentas para combatê-las (Carrasco, 2009).

Entendendo a importância dos cuidados como central para a reprodução social da vida, o enfoque desta teoria baseia-se na questão dos cuidados e principalmente do tempo e energia desigual entre homens e mulheres dedicados a essas atividades, e na invisibilidade que essas atividades, enquanto trabalho, representam economicamente (Carrasco, 2009). Como ressaltam Cardoso et al. (2019), as mulheres são as responsáveis por desenvolver atividades (agrícolas e não agrícolas) que geram a reprodução de suas famílias, suas comunidades e seus territórios, através das práticas agroecológicas nos agroecossistemas, que envolvem as dimensões sociais, ambientais, culturais, econômicas e ecológicas (Cardoso et al., 2019).

As feiras são ambientes de comercialização marcadamente protagonizados pelas mulheres (Silva et al., 2018), que buscam através de uma rede autogestionada a iniciativa de oferecer produtos e alimentos diversificados, e a regionalização da produção e da comercialização (Costa; Padilla, 2024). As feiras contribuem para o reconhecimento social e à valorização das mulheres, para além do aporte na renda. Esses espaços, como destaca Silva et al. (2018, p. 5), implicam “relações sociais e de produção mais justas e igualitárias, já que antigamente a produção, a venda e a compra eram ‘tarefas masculinas’”. O objetivo deste trabalho é analisar o perfil e a participação das mulheres em feiras da Zona da Mata de Minas Gerais.

## Metodologia

A pesquisa parte da análise de seis experiências de feiras, relacionadas, em parte, com a agroecologia, a produção orgânica, e/ou a agricultura familiar, na Zona da Mata mineira, território de abrangência do Polo Agroecológico de Produção Orgânica (Pasini et al., 2024). O território da Zona da Mata tem uma construção histórica do movimento agroecológico, em luta pelos direitos dos povos e comunidades tradicionais e pelas(os) agricultoras(es) familiares. Destaca-se o protagonismo das mulheres agricultoras no território, em especial o Movimento de Mulheres Agricultoras da Zona da Mata e Leste de Minas Gerais (MMZML), composto por mulheres trabalhadoras rurais de 15 municípios, vinculadas ao movimento sindical (Campos et al., 2024). A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de março e novembro de 2024, com a utilização de questionários estruturados com as(os) feirantes das experiências. Ao todo, foram aplicados 73 questionários estruturados com feirantes das seis experiências analisadas.

## Resultados e Discussão

A participação das mulheres agricultoras nas experiências analisadas é algo evidente mediante a observação desses espaços de comercialização. As mulheres agricultoras representam 60,3% das pessoas que compõem as seis feiras analisadas. Dessas, 62% são mulheres brancas, 27% pardas e 11% são pretas, com idades que variam entre 16



e 72 anos. Percebe-se uma marcante presença de mulheres de 40 a 70 anos de idade, em especial na faixa dos 50 – 60 de idade (30,2% das participantes). Da mesma forma, observa-se que grande parte delas possui o ensino fundamental incompleto (28,6%) ou fundamental completo (26,2%). Esse cenário corrobora a realidade rural de Minas Gerais, onde 43,6% possuem o antigo “primário” e 20,2% possuem o fundamental completo (IPPDS, 2021). Evidencia-se, desta forma, a importância das feiras para a promoção de trabalho e de renda para pessoas normalmente marginalizadas em mercados convencionais. Ainda assim, se observa uma baixa participação de mulheres autodeclaradas pretas, o que está relacionado à necessidade de fomentar ainda mais a participação dessas mulheres, tanto nos espaços de comercialização, quanto na direção de unidades familiares. De acordo com o Censo Agropecuário, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2017, apenas 7,3% dos estabelecimentos agropecuários em Minas Gerais são dirigidos por pessoas pretas, incluindo homens e mulheres (IPPDS, 2021).

Na grande maioria dos casos, apenas duas (43,1%) ou três (20,8%) pessoas trabalham na unidade produtiva, o que evidencia a característica da agricultura familiar. As respostas, de maneira geral, se referiam à família como os(as) trabalhadores(as) mulher/homem e seus respectivos companheiros, e filhos(as) ou parentes (quando três pessoas). Neste sentido, pode-se perceber um perfil majoritário de mulheres casadas e/ou com filhos, o que reflete diretamente nos trabalhos de cuidado e reprodução social (Herrerro, 2016).

Cerca de 58% das mulheres da pesquisa são responsáveis pela comercialização nas feiras, e 40% em outros mercados e, conseqüentemente, se responsabilizam pelas decisões acerca da produção e da renda obtida na feira em 54% dos casos. Isso se dá muito provavelmente devido à diversidade de alimentos que são produzidos por elas primordialmente para o autoconsumo familiar e da comunidade e, conseqüentemente, por estarem, em sua maioria, como responsáveis desses espaços, a decisão sobre a renda recai sobre elas. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, de acordo com a análise de Nobre e Moreno (2024), indica um aumento da renda média das mulheres rurais em 14%, aumento esse maior do que em comparação às mulheres urbanas ou não rurais (7,5%), com os homens rurais (6%) e urbanos ou não rurais (0,5%).

Uma das hipóteses levantada pelas autoras para explicar esse aumento é a necessidade de rearranjo dos circuitos curtos de comercialização devido à pandemia de Covid-19, que obrigou as mulheres a buscarem alternativas de venda, sobretudo a mercados institucionais (Nobre e Moreno, 2024). A participação e o protagonismo adotado pelas mulheres nesses circuitos, a exemplo das feiras, podem ter contribuído para o aumento da renda média e da participação dessas na tomada de decisões acerca do uso da renda obtida nas feiras.

Esse resultado reflete o estudo de Herrerro (2016), o qual salienta que, graças às lutas das mulheres, houve um aumento significativo delas em atividades remuneradas. Ainda assim, as atividades estão embebidas em relações patriarcais, pois esse avanço “não



tem sido acompanhado por uma distribuição equitativa do trabalho de cuidados com os homens” (Herrero, 2016, p. 149). Nesse sentido, as mulheres tendem a assumir jornadas triplas de trabalho e a dedicar cerca de dez horas a mais do que os homens para os trabalhos de cuidados, retrato este que pode ser observado tanto em meio urbano quanto em meio rural (IPEA, 2022). Esses resultados são expressos quando as(os) feirantes são questionadas(os) sobre quem é responsável pelas atividades de cuidados, à casa, às crianças e aos idosos. Apoiada na ótica das mulheres, elas são responsáveis por 68% das tarefas de cuidados com a casa e são responsáveis por 70% dos cuidados com as crianças e os idosos. Nesse cenário das respostas das mulheres, os homens sequer aparecem como únicos responsáveis pelas tarefas de cuidados.

### Considerações Finais

Alicerçada na participação e no protagonismo das mulheres nas feiras, foi possível entender que esses espaços representam uma possibilidade de socialização, de articulação política e de fomento de práticas agroecológicas nos territórios. Da mesma forma, por sua maior participação e responsabilidade acerca da comercialização nas feiras, as mulheres possuem um maior protagonismo na gestão financeira da renda familiar, cenário esse que vem crescendo ao longo das décadas de luta das mulheres em defesa de seus direitos. Ainda assim, é importante estimular a participação das mulheres, especialmente as mulheres pretas, nesses espaços de comercialização, possibilitando ferramentas que garantam o seu acesso. Dado essas potencialidades, esses espaços podem ser considerados como mais um trabalho realizado por essas mulheres, o que pode contribuir para uma sobrecarga de tarefas. Já que, para além disso, as mulheres são responsáveis majoritariamente pelos trabalhos de cuidado com a casa e com as crianças e com os idosos, essenciais para a reprodução social da vida. Destaca-se a importância de promoção de políticas públicas voltadas à produção, à distribuição, à comercialização e ao consumo de alimentos produzidos pelas mulheres, com o objetivo de incentivar práticas agroecológicas desempenhadas por elas, e consequentemente sua autonomia financeira e política, e a distribuição de alimentos de base ecológica.

### Agradecimentos (opcional)

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ao Grupo de Pesquisa em Economia Solidária, Sistemas Agroalimentares e Agroecologia (Gessa). Ao Programa de Pós-graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa.

### Referências

BUTTO, Andrea. Políticas para as mulheres rurais: autonomia e cidadania. In: BUTTO, Andrea; DANTAS, Isolda (Orgs.). **Autonomia e cidadania: políticas de**



**organização produtiva para as mulheres no meio rural.** Brasília: M. do Desenvolvimento Agrário, 2011, 192p.

CAMPOS, Alessandra Bernardes Faria; TELLES, Liliam; CASTRO, Nayara Lopes; MARQUES, Emiliana Maria Diniz; CARDOSO, Roberta da Silva Leite. Programa de formação feminismo e agroecologia: cultivando sementes da agroecologia na Zona da Mata Mineira. Cadernos de Agroecologia – ISSN2236-7934- **Anais do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia**, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - v.19, n.1, 2024.

CARDOSO, Elisabeth; JALIL, Laetícia; TELLES, Liliam; ALVARENGA, Camila; WEITZMAN, Rodica. **Guia metodológico da caderneta agroecológica.** Recife: FIDA, 2019

CARRASCO, Cristina. Mujeres, sostenibilidad y deuda social. **Revista de Educación**, número extraordinário, Madrid, 2009.

COSTA, Bianca Lima; PADILLA, Mamen Cuéllar. Circuitos curtos de comercialização e agroecologia: experiências da Brasil e da Espanha. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 25, n. 4, e2544114, out./dez. 2024.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). **Observatório das Mulheres Rurais do Brasil**, 2022. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/observatorio-das-mulheres-rurais-do-brasil>>. Acesso em 30 de maio de 2025.

HERRERO, Yayo. Economía feminista y economía ecológica, el diálogo necesario y urgente. **Revista de Economía Crítica**, nº22, segundo semestre 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS, IBGE. **Censo Agropecuário, 2017**. Disponível em: <<https://censoagro2017.ibge.gov.br>>. Acesso em 30/05/2025.

INSTITUTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (IPPDS). **Um novo retrato da Agricultura Familiar do estado de Minas Gerais: a partir dos dados do Censo Agropecuário de 2017**. Viçosa: MG, UFV, 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Retratos das Desigualdades de Gênero e Raça. Trabalho doméstico e de cuidados não remunerado. Dados de 2022**. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/portal/retrato/indicadores/trabalho-domestico-e-de-cuidados-nao-remunerado/apresentacao>>. Acesso em 24 de janeiro de 2025.

# VII CONGRESSO DA REDE DE ITCPS 2025

ECONOMIA SOLIDÁRIA

EM TEMPOS DE NEOLIBERALISMO  
E CRISE CLIMÁTICA:  
DESAFIOS PARA AS ITCPS

05 a 08 de Novembro

Universidade Federal  
de São Carlos / SP



NOBRE, Miriam; MORENO, Renata. O trabalho e a autonomia econômica das mulheres agricultoras: tensões e desafios na construção de políticas públicas. **Revista Ciências do Trabalho**, n. 25, 2024.

PASINI, Isabela Leão Ponce; FERNANDES, Gabriel Bianconi; ASSUNÇÃO, Wanessa Marinho; RIBEIRO, Adriana Aparecida de Moraes; GOMES, Renata de Souza; CARDOSO, Irene Maria. Polo agroecológico e de produção orgânica da Zona da Mata de Minas Gerais. **Anais do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia**, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - v.19, n.1, 2024.

SILVA, Mylena; SILVA, Luana; SILVA, Luiza; SILVA, Thayná; FREITAS, Karine; JALIL, Laetícia. Importância das feiras agroecológicas para as mulheres e para a construção da agroecologia. **Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF** – Vol. 13, N°1, Jul, 2018.